

ESPIRITUALIDADE E CONSCIENCIA DESPERTA

LUCIANO LINS¹

Resumo: O termo espiritualidade é normalmente utilizado, no sentido de referência vinculada a religiosidade ou religião instituída. No presente trabalho, a palavra espiritualidade está entrelaçada a dois principais fundamentos. O primeiro, diz respeito ao despertar da Consciência para os condicionamentos oriundos do ego ou da personalidade identificada com o Outro (sujeito da percepção que interpreta o mundo externo e o mundo interno, a partir das estruturas biopsicossociais), ganhando assim poder para decisões mais livres. O segundo diz respeito à experiência de unidade com o Inefável, no qual abrange e ultrapassa a experiência humana. A presente investigação se baseia no campo do encontro terapêutico e nos mapas mentais fornecidos por Jiddu Krishnamurti e na filosofia e meditação Zen Budista, assim como alguns princípios da Mística da Kaballah judaica.

Palavras Chaves: Consciência Desperta, Espiritualidade, Mística.

Abstract: The term spirituality is normally used as reference in order to link the religious or established religion. In this study, the word spirituality is intertwined between the two main foundations. The first one talks about the awakening of consciousness to the arising conditioning of the ego or personality identified with the Other, (Perception Subject That interprets the external and the internal world of biopsychosocial structures), this way gaining power for more free decisions. The second concerns the experience of the unity with the Ineffable, which encompasses and surpasses the human experience. This research is based on the therapeutic encounter field and mind maps provided by Jiddu Krishnamurti and Zen Buddhist philosophy and meditation, as well some principles of Mysticism of Jewish Kaballah.

Key Words: Awakened Consciousness; Spirituality; Mystic

¹ Universidade de Pernambuco
Colegiado de Psicologia

INTRODUÇÃO

Duas palavras que na maioria das vezes trazem bastante confusão para se elucidar o que estar se querendo comunicar. Dentre outras formulações as palavras Consciência e Espiritualidade precisam ter significados bem esclarecidos para aquilo que desejamos investigar como objeto de estudo. Evidentemente que não estamos propondo uma terminologia única para a ideia que vamos apresentar, no entanto é importante delinear essa ideia que ganha significação e poder de compreensão no trabalho que estamos desenvolvendo.

A palavra Espiritualidade no que estamos propondo, significa os vários graus e evolução da Consciência (Alma), possível ao ser, vivido no contexto da existência humana. A Consciência aqui estudada, está inserida, no modelo do holograma, no qual tudo está interconectado simultaneamente com tudo. A discussão sobre os referidos graus da Consciência são apenas uma forma pedagógica e linguística de atribuir significados em função da percepção humana, na qual se configura em função de sua formação, crenças e capacidade de simbolizar. Assim, a Consciência é empregada no sentido da Alma Humana como presença tanto no nível existencial simbólico quanto da qualidade da Presença sem composições de auto referência ou imagens programadas e condicionadas ao longo da jornada do Ser. O Inexistencial ou Infinitivo como qualidade do Real é o modo-de-não-estar-no-mundo enquanto Presença Transcendente do que se pode qualificar como percepção.

Lembro-me de um acontecimento onírico que pode ilustrar o que estamos querendo quando utilizamos a palavra Presença transcendental. Um amigo havia falecido a pouco tempo e tive um sonho, no qual, eu indagava eu, sobre a vida após a morte. Depois de várias insistências, meu amigo me disse que não poderia me dizer e mesmo que se assim fizesse, eu não compreenderia nada. Ora parece que a mensagem apontava simultaneamente para o contexto existencial, como também de uma outra ordem na qual a Presença se metaforiza de uma outra maneira, na qual transcendeu o entendimento que mais se assemelha como ausência ou Inexistência. Para o sujeito da experiência humana ordinária, não há forma de presença que estamos acostumados a sentir como base na nossa configuração de ser-no-mundo.

Espiritualidade para nós é a investigação dos vários graus da Consciência, (Alma Humana) no qual se inicia pela personalidade, cujo centro magnético é o Ego (predominantemente material, mecânico e linear e causal e mental), para outros níveis, tal como a Consciência Pura, que é a Presença sem imagens, condicionamentos ou referências nos quais a intuição, o símbolo, os mitos, os contos, a arte, nos dão pistas de algo para além de nossa dimensão ordinária e programada. E ainda o Nível Infinitivo, de natureza transpessoal, O Grande Nada absoluto, fonte de toda vida e de tudo o que existe.

Consciência como a grande Presença pode ser metaforizado como um grande oceano, no qual a superfície está em constante turbulência, quer seja pelas correntes marinhas, pelas ondas ou mesmo pela intervenção humana. Num grau de maior profundidade, pode se verificar a calma ou outro fluxo da vida, que com equipamentos especiais, o ente humano pode alcançar. Finalmente, nas grandes profundezas, não é possível a percepção humana direta. Isso não quer dizer, que não exista fluxo da vida, mas que apenas, não podemos alcançar.

Nesta perspectiva, não importa se será utilizado o método científico tradicional materialista ou se vamos nos apoiar em outros métodos que se utilizam de metodologias mais refinadas e que são validadas não pelo consenso geral dos acadêmicos, mas pela experiência que os validada e na maioria das vezes não podem ser repetidas.

Nunca é demais mencionar, que estamos sempre criando modelos para melhor nos adaptar nossa existência, mas que os modelos que damos significações, não são nem a Realidade nem fluxos potenciais da vida, pois tudo isso é transcende a percepção humana, estando pois, no território do mistério, que tanto nos encanta, exatamente porque é o nosso fundamento, o Sagrado, o Numinoso, o Transcendental.

A PERSONALIDADE: EGO COMO CENTRO MAGNÉTICO

Assim como em outros trabalhos, a personalidade, onde o Ego é colocado na central, do processo narciso de identificação, nos quais circunscrevem a senso-percepção e a percepção mental, focalizando a estrutura do mundo e de suas próprias crenças, baseadas tanto em critérios pessoais e consensuais de forma unilateral. Ou seja, as formações narcísicas são predominantes neste nível da espiritualidade e se enxerga apenas o que é ensinado na formação através dos processos da educação e cultura social.

Como exemplo, podemos citar as religiões organizadas, cujo comportamento repetir de forma terceirizada, as doutrinas ensinadas e o distanciamento dos diálogos, num comportamento altamente partidário, no qual só estão no contexto dialógico, os indivíduos que comungam das mesmas ideias.

Vale ressaltar a frase do Dr. Bernie, autor do livro, Amor, Medicina e Milagres: *“Somos viciados em nossas crenças e agimos como viciados quando alguém tenta arrancar de nós o poderoso ópio de nossos dogmas”* (TALBOT.2000:23).

Nesse mesmo nível se encontra algumas comunidades científicas, que se comportam do mesmo modo, rechaçando significações diferentes do dogmas da comunidade. Muitos cientistas se encontram na marginalidade, não por conta de suas teorias, mas pelo o que elas significam para algumas comunidades.

Assim também, na política, onde o que predomina são discursos vazios e ancorados por ideologias e interesses narcísicos. O diálogo é apenas uma fachada para ocultar o dogma de suas visões. Na verdade tudo o que é dogmático e limitado e fragmentado, impendo a possibilidade da dialética e dos paradoxos estabelecidos por outros olhares.

Do mesmo modo que a educação e todos os demais setores da sociedade, que vislumbram sua posição narcísica, unilateral e dogmática. A educação reproduz valores na busca do sucesso compulsivo em detrimento do Ser Integral. O mercado de trabalho se torna nesta perspectiva, algo extremamente competitivo e violento. As empresas se preocupam apenas com o lucro à custa de outras pessoas, do desmatamento, do envenenamento global do planeta.

O Importante é compreender que o nível denominado de personalidade, no qual o Ego é o centro magnetizador é alimentado por imagens de identificação narcísica, nas quais são programadas desde o nascimento do indivíduo e são retroalimentadas pelo próprio comportamento do sujeito e de outras pessoas, tendo como propósito reforçar através das redes de crenças, um mundo de imagens e fantasias, nas quais não tem fluxo real, embora crie o mundo fenomênico. A perda da auto referência é o maior medo do ego, que se alivia temporariamente do encontro com o novo e autêntico, através de construções de imagens mentais e fantasias, mas, ao mesmo tempo gera conflitos e auto violência e toda desordem. Neste estágio, a personalidade busca ser alguém ou obter sucesso pela fantasia apresentada pelo ambiente dominante ou mesmo contra dominante. Os propósitos, projetos e metas, são sempre de natureza ilusória.

Outra característica da personalidade é a ausência de unidade. Diversas imagens estão entrelaçadas simultaneamente, de forma autônoma e contraditória. Cada fragmento se apresenta de acordo com as situações externas vinculadas a fragmentação experiencial do Ego. Existe a ilusão de continuidade, embora as situações envolvidas pelo Ego, demonstram a fragmentação atomata e altamente contraditórias, porém enganadas pela senso-percepção. E identidade mental.

CONSCIÊNCIA PURA OU DESPERTA

Definimos inicialmente como Consciência Desperta, a qualidade de enxergar o lugar existencial no qual nos posicionamos, a qualidade de se tomar decisão autênticas, assumindo responsabilidade por si e pelo planeta, e reconhecer sua capacidade de transformação.

Cria-se um diálogo interior entre o que condicionamento a Presença Autêntica. No nível anterior estamos normalmente em conflito entre essas duas possibilidades. Simultaneamente podemos abrir escutas e portais para diálogos com o outro num entendimento e sentimento de cooperação.

Somos qualificados a perceber que nossa versão sobre si mesmo e o mundo é apenas um modo de existir, não diferente de outras formas de percepção. Mas, ao mesmo tempo nos abrimos em direção a Alma do Mundo, na qual dos seres estão mergulhados e interconectados numa verdadeira dança cósmica.

Somente neste nível da Consciência Desperta, temos a qualidade para o universo simbólico, que são organizados virtualmente através de metáforas. Os dogmas caem e as verdades particularizadas, deixam de ser absolutas para se relativizar no espaço existencial.

As religiões e a ciência pode existir sem confrontos. As comunidades científicas trocam diálogos produtivos e as religiões compreende a unidade que transcendem suas doutrinas. Aqui podemos dizer que a Consciência se reveste de luminosidade e sentido do sagrado, que é de significação transcendental ao Ego humano. Os primeiros vislumbres de uma Religião (re-ligar) Arquetípica, começa a se fazer presente. Não se trata de crença ou religião específica, cuja base é a doutrina e os dogmas. Trata-se da Religião Arquetípica, na qual os centros simbólicos funcionam como portais para revolucionar e integrar, a Consciência como um Todo.

No entretanto, O principal fundamento da Consciência Desperta ou Pura é a qualidade do desaparego da auto referência construídas pelo Ego. A Alma é a presença sem referências, imagens ou fantasias. Jiddu Krinshnamurti (2009) indaga o que fica ou resta, quando desaparegamos de todo processo de identidade e identificação programada pela família, sociedade, educação, religião e cultura. Resta a Alma. A Consciência Pura, cheios de fluxos vitais e vigor, desprendido de identidade e conflito, nos quais são frutos dos preconceitos vinculados com as fantasias de posse da verdade.

O INFINÍVEL OU A CONSCIÊNCIA ILUMINADA

“O Reino de Deus no Homem é o Eu divino da sua alma que governa o ego humano da sua mente, das suas emoções. E do seu corpo. Esse Reino de Deus existe em todo o homem; mas, na maior parte, existe um estado dormente, potencial, embrionário; compete ao homem despertar, atualizar, desenvolver esse reino, que o Mestre chama a “luz sob o alqueire”, o “tesouro oculto”, a “pérola preciosa”.

(Huberto Rohden)

A experiência mística, que implica numa transformação radical do sujeito em relação a sua auto referência, na qual é completamente desmantelada, é o principal enfoque neste nível da existência humana. A referida mudança na personalidade humana acontece como uma invasão de uma luz que ofusca as imagens, os condicionamentos e o ente programado. O

Ser Inefável de qualidade cósmica, invade a Alma com sua luz, proporcionando o grande êxtase pleno e completo, desprovido de qualquer simbologia ou representação. Podemos dizer que se trata de uma experiência religiosa genuína e transcende as organizações e doutrinas que de um modo geral estão delineados no nível do Ego. Escreve o autor:

“Existe um paradoxo na jornada espiritual, qual seja: o propósito da nossa jornada. A resposta que buscamos, nada mais é do que aquilo que já somos em essência – ser, a totalidade máxima que é a fonte de todo vir-a-ser. A iluminação é a revelação da verdade do ser, tradicionalmente chamado de Deus, ser cósmico, ente Supremo, o um-em-tudo (aliás, alguns mestres iluminados – Buda foi um deles – preferem evitar termos teístas a fim de se comunicar melhor. Seu intento é evitar o profundo condicionamento cultural contido nessa linguagem, que impede a compreensão.). Somos manifestações do Ser, mas à semelhança do próprio cosmos, estamos também no processo de vir-a-ser – sempre acrescentando, mudando, desenvolvendo-nos e evoluindo para estudos mais e mais elevados que expressam eterna e bela perfeição da origem da existência. Assim, não somos apenas seres humanos; somos também seres humanos em transformação. A iluminação consiste em compreender o perfeito equilíbrio entre o ser e o vir-a-ser”, (WHITE. 1984. p. 15).

Outro autor metaforiza a experiência Mística, o Inefável:

Originalmente a palavra mistério (mysterion em grego, que provém de múein, quer dizer perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou de uma intensão) não possui um conteúdo teórico, mas está ligada a experiência religiosa, nos ritos de iniciação. A pessoa é levada a experimentar, por meio de celebrações, cânticos, danças, dramatizações e realizações de gestos rituais, uma revelação ou uma iluminação conservada por um grupo determinado e fechado.

Mistério não equivale a enigma que, quando decifrado desaparece. Mistério designa a dimensão de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser e na totalidade da realidade e que possui um caráter definitivamente indecifrável. Aquilo que chamamos de realidade apresenta-se incomensuravelmente maior que a nossa razão e nossa vontade de dominar pelo conhecimento. A pessoa humana, a fortiori, é mais do que sistemas de compreensão ou formas de convívio social.” (BOFF, 1994. p.12-13).

As implicações principais, estão contadas em formas de enigmas, cuja consciência ordinária não consegue acessar, uma vez que estão condicionada pelos vícios da programação da espécie, cultura, educação e sociedade.

Na Kaballah Mística, estamos no nível de Ainsof, que significa o nada infinito, gerador de todas as coisas, mas totalmente inacessível à consciência ordinária, que está agarrada a sobrevivência. A metáfora aqui é o que é anterior ao nascimento ou depois da morte, completamente inconcebível a massa da humanidade. Esse grande desconhecido, nós contém e nos ultrapassa:

“O termo “Inconsciente Sagrado” foi cunhado por Huston Smith para designar a essência da consciência humana. Se deixássemos os níveis superficiais da auto identidade, o inconsciente individual e social, através de estruturas intermediárias e do inconsciente coletivo, para alcançar esse estado divino de individualidade, indaga Smith, o que experimentamos? Como seria uma pessoa, se lhe é dado viver o inconsciente sagrado? Sua resposta é uma descrição de jivanmukta, o ser humano completamente realizado na qualidade de filósofo e historiador das religiões, permita-me arriscar minha percepção desse “melhor humano” da seguinte maneira: Se Marx desmascarou o nosso inconsciente social e Freud o nosso inconsciente pessoal, penetrando ambos nas superestruturas, ou melhor, nas subestruturas que ocultam as verdadeiras causas e motivos, a uma suprema oportunidade humana consiste em mergulhar ainda mais fundo e tomar consciência do “Inconsciente Sagrado” que forma a base da nossa individualidade” (HUSTON, 1984. p. 81)².

O referido autor para designar a experiência do transcendental, conota que a base da nossa existência e inexistência é o Inconsciente Sagrado, no qual aponta para a Realidade Absoluta, fonte de tudo e no qual estamos todos interligados e interconectados. O Nada é uma espécie de referência que nos desqualifica a pensar ou fantasiar. A Realidade incognoscível, nos influencia a todo momento, embora não possamos compreender sua natureza, somos qualificados e capacitados a sentir e metaforizar o que além do Ego e da própria Alma como um todo.

No mesmo artigo prossegue o autor:

“Estou propondo que um ser ilimitado é aquele que está em contato com o seu inconsciente mais profundo, inconsciente que merece (por motivos que ainda apresentarei) ser considerado sagrado. Nosso século familiarizou-nos com regiões da mente que estavam ocultas para nós e com as vigorosas formas pelas quais controlam as nossas percepções. Minha tese é a de que, subjacentes a essas camadas imediatas da nossa mente inconsciente encontra-se um substrato final que se abre misteriosamente para o mundo tal como ele é. Ter acesso a esse substrato final é ser objetivo no melhor sentido da palavra e possuir as virtudes e benefícios decorrentes dessa objetividade” (SMITH. 1984. p.82).

No substrato da Consciência somos parte integrante do Universo, que se individualiza em cada ser e ao mesmo tempo antecede e ultrapassa a toda e qualquer individualidade. O simbolismo religioso desempenha uma função primordial para o acesso intuitivo A Realidade Única e Nada Infinito, que é o nosso verdadeiro lar, pois toda existência é transitória, mutável e desagregadora para um novo nascimento em presenças não pensadas, calculadas e compreendidas para o indivíduo mediano.

2 WHITE (org). Iluminação Interior. Editora Cultrix – SP. 1984.

REFERÊNCIAS

- BIASE, Francisco Di.** A Revolução da Consciência. Petrópolis. Vozes.2004.
- BOFF, Leonardo.** Espiritualidade. Rio de Janeiro.2001.
- Dilts, Robert.** Crenças. São Paulo. Summus.1993.
- CAMPBELL, Joseph.** Tu és Isso. São Paulo. Landy. 2002.
- FROMM, Erich.** A Linguagem Esquecida. São Paulo, Zahar. 1998.
- LINS, Luciano da Fonseca.** O Mito do Significado no Contexto da Religiosidade. 2 Ed. Olinda. Livro rápido. 2015
- WHITE, John.** (Org.). Iluminação Interior. São Paulo. Cultrix.1984.
- VAUGHAN, Frances.** Além do Ego. São Paulo. Cultix/Pensamento.